

N.º 2

A BROCHURA SOCIAL

Série I

M. Nettlau

A Responsabilidade e a Solidariedade na Luta Operária

Seus limites actuais e sua extensão possível

(Relatório lido a 5 de dezembro de 1899
ante o FREEDOM DISCUSSION GROUP de Londres)



PREÇO 30 RÉIS

Tip. A. PUBLICIDADE
Rua do Diário de Noti-
cias, 147 a 151 — Lisboa

Shi

M. Nettleau

A Responsabilidade e a Solidariedade na Luta Operária

Seus limites actuais e sua extensão possível

(Relatório lido a 5 de dezembro de 1899
ante o FREEDOM DISCUSSION GROUP de Londres)



Editores e proprietários
Lima da Costa & Neno Vasco

Tip. A PUBLICIDADE
Rua do Diário de Notícias,
147 a 151 — Lisboa

Shi

Adelmo Augusta Ferreira

As observações que se seguem, baseadas num artigo que publiquei no número de *Freedom* aparecido em novembro de 1897, não devem entender-se como um desejo de substituir a propaganda anarquista directa por um meio indirecto; limitam-se a levantar uma questão geral que, pelo que sei e ouvi dizer, tem sido até hoje desdenhada: a possibilidade de alguma forma ou combinação nova na luta operária; e anseio pela critica anarquista que, à parte a possibilidade geral, deve examinar se os meios suggeridos tendem ou não para a liberdade, e por conseguinte se merecem ou não o apoio dos anarquistas.

O progresso no movimento operário parece-me afinal desesperadamente lento. As ideias que se nos afiguram tam claras, tam evidentes e tam aceitáveis de per si, encontram amiude tal montão de prejuizos e de ignorância que é lícito pôr em dúvida que as grandes massas as venham um dia

a admitir consciente e sériamente, a não ser que vejam diante de si reais mudanças ou pelo menos lições de coisas na mais vasta escala. E mesmo onde tais lições de coisas já existem até certo ponto, quando a solidariedade económica dos trabalhadores é demonstrada, não pela propaganda das ideias libertárias, mas por vantagens materiais directas, por menores que sejam — como no caso do corporativismo e da cooperação — o grosso do povo não entra propriamente em contacto com elas, apesar de um século de propaganda e de agitação.

Justificado ou não o pessimismo dêste modo de vêr, ninguém contestará a utilidade de achar, sendo possível, meios novos de fortificar a situação do trabalhador, e alguns meios de acção, permanentes ou transitórios, teem sido lembrados e mesmo tentados durante estes últimos anos: tais são a *greve geral*, a *greve militar*, a *greve internacional dos mineiros*, a *marcha dos operários sem trabalho ou em greve sobre a capital* (como na América do Norte e há pouco em França), a *sabotagem* (o trabalho lento e defeituoso, o *go canny*, preconizado em França), etc. Envidam-se também esforços para utilizar as organizações operárias de produção e de consumo numa acção económica directa, por exemplo uma combinação de corporativismo e da cooperação, colónias cooperativas, bolsas de trabalho (segundo a expressão norte-americana relativa à troca directa dos frutos do trabalho), etc. Eis porque me aventuro a sugerir mais alguns outros meios de acção, diante dos quais a atitude dos anarquistas não pode

ser diversa da que elles mantem a respeito dos outros meios que acabo de citar, isto é, uma ajuda prática quando possível, mas sem de modo algum se apartarem da propaganda da nossa concepção social inteira de homens livres numa sociedade livre.

Além da propaganda intellectual directa das idéias anarquistas e da acção realmente revolucionária, isenta de qualquer discussão preliminar, o que parece ser preciso é que as grandes e crescentes massas do povo sejam levadas a compreender e a abraçar o princípio da *dignidade e liberdade* bem como o da *solidariedade*, e a procurar viver conforme tais princípios. E' além disso necessário que seja reconhecida a conexão inseparável que une êsses dois princípios; pois o primeiro só, superficialmente interpretado, pode levar à acção pessoal do individuo para si mesmo, sem se importar de passar por cima da cabeça dos seus camaradas, ao passo que a solidariedade sem a dignidade e liberdade pessoais não é outra senão a que hoje vemos aplicada em volta de nós e que a cada instante nos fere—a solidariedade da maioria compacta com as piores fealdades do sistema presente: concorrência, patriotismo, religião, partidos autoritários, etc. Eis porque é necessária uma plena e consciente combinação dos sentimentos de liberdade com os de solidariadade, e os que até aí tiverem progredido serão mais propensos a aceitar as nossas idéias, ou antes serão mais capazes de as compreender do que certas camadas da população actual. Por isso creio não me enganar fixando tal critério, tal pedra de toque dos meios de acção

possíveis; e os meios de acção que não subam a êsse nível deverão ser melhorados.

Antes de entrar em matéria, tenho que dar a conhecer as minhas opiniões sobre dois pontos nos quais me julgo herético, afastando-me das crenças económicas correntes e, em certo caso, dos argumentos usados na agitação. Basear-se-ão nesses dois pontos preliminares as minhas conclusões ulteriores.

Um deles refere-se ao que se chama o *público*; a meu ver, nas lutas operárias não se considera suficientemente êsse factor. Os trabalhadores duma indústria estão organizados e lutam ásperamente pelo melhoramento da sua situação económica; o mesmo fazem os patrões, que podem ser forçados, ou por greves vitoriosas ou pelo poder de um forte sindicato, a fazer concessões ao trabalho. Mas em regra os consumidores dos produtos dessa indústria é que de nenhum modo se acham organizados, nada fazendo para salvaguarda eficaz do seu interesse e redução dos preços ao mínimo possível; de forma que é naturalíssimo procurarem e conseguirem os capitalistas recuperar quasi integralmente o valor das suas concessões ao trabalho sobre o público pagante. Que eu saiba, não tira o trabalho proveito algum desta última consequência da luta. Por isso os preços sobem ou torna-se inferior a qualidade dos produtos, e o público paga as custas das concessões arrancadas ao capital pelo trabalho, como é obrigado a fazer o partido mais fraco.

Ora, quem é o público? Os consumidores todos, naturalmente. Para o caso, po-

rêm, posso dividi-los em duas categorias: os que gozam fortes rendimentos e a quem as altas e baixas dos preços não causam séria diferença (podem nisto ser postos de parte), e a massa imensa cujos proventos são menores ou pequenos, a quem a mais leve alteração nos preços ocasiona embaraços ou um verdadeiro prejuizo, privações e finalmente a ruina. Um número considerável dêstes últimos suportam de boamente o novo encargo, consequência da vitória da greve dos seus companheiros de trabalho, quer como socialistas e anarquistas convictos, quer graças ao instintivo sentimento de solidariedade e de amor por uma bela causa que deles faz a base das nossas esperanças num futuro mais largo, mas sinto que me iludiria se fechasse os olhos ao facto de a grande massa, não tocada pelas ideias de progresso e pelos nobres sentimentos (se o fosse, como havia ela de suportar o actual sistema?), não sentir em tais casos crescer a sua simpatia pelo trabalho organizado, e continuar como antes inerte e indiferente, quando não prevenida e hostil.

Suponho, por exemplo, que se durante uma greve de mineiros um marido, operário, simpatiza com os grevistas e contribui de bom grado para a sua caixa de greve com alguns vintêns, já a mulher—que tem de equilibrar a despesa e a receita como antes com o mesmo salário e com o carvão a um preço exorbitante—estará longe de experimentar simpatia igual em muitos casos e não deixará de fazer valer aos olhos dele a questão do lar, neutralizando-se assim os sentimentos de ambos.

Greves tais deixam então as coisas no mesmo pé sob o ponto de vista económico e moral, ainda em caso de triunfo, pois o encargo das concessões económicas é pelos capitalistas transferido a débito do público pagante, os trabalhadores sofrem-no tanto mais quanto maior for a sua pobreza, e a elevação moral e o entusiasmo dos grevistas e dos que com estes simpatizam são contrabalançados pela depressão e hostilidade muda do resto do povo—que é quem na realidade satisfaz a conta.

Conviria por isso achar meios pelos quais o público (*a massa trabalhadora*) pudesse ser interessado de um modo, não unicamente sentimental, mas material, como os próprios grevistas. Uma vez interessado a valer, poderia a sua ajuda ser enorme, pois, além da simpatia e das subscrições, facilmente manejaria essa arma entre todas poderosa: *a boicotagem*. (*)

Aí fica o primeiro dos meus dois pontos preliminares.

A minha segunda heresia diz respeito à *responsabilidade dos trabalhadores quanto à obra que executam*. Até hoje ninguém reconheceu tal responsabilidade. E' costume considerar um homem como um trabalhador honesto se trabalha por um salário—*sem jamais olhar ao seu género de trabalho*. Tal ocupação é, de maneira efectiva, evitada ou execrada? Pois é difficil envergonhar quem a ela se entrega, por mais baixa

(*) *Boicotar* um produto é deixar de o comprar; *boicotar* um estabelecimento comercial ou industrial é deixar de consumir os seus generos ou produtos.—N. dos E.

e infame que seja. Aparte o exemplo nojento dos requerimentos para o mister de carrasco feitos, conforme lemos às vezes, por pessoas de todas as profissões, do operariado e das classes médias,—não é para alguns o supra-summum da ambição um lugar de polícia, e não são muitas as tolas mulheres do povo, pobres criadas e cozinheiras, que sustentam polícias e soldados? Os soldados, que na Inglaterra são voluntários, sabem que a sua ocupação habitual não será defender «a sua pátria» que ninguém ataca, mas reprimir uma atrás da outra as revoltas de pobres e malarmados compatriícios, e reprimi-las o mais implacavelmente possível, de modo que cada revolta seja esmagada ao nascer e não se alastre. Há, pois, moços que não teem vergonha de se alistar para êsse constante serviço de polícias e de algozes, como não a tem o povo de fraternizar com êles. Também não há escassez de corretores, de cobradores de rendas e impostos, de agentes terreaes e seus *crowbarmen* na Irlanda, etc. A chamada opinião pública, que tanto fala de humanidade e civilização, parece não notar tais inimigos no nosso seio; e, se neles repara, é para os lastimar, pois *não é deles a culpa*.

Vou mais longe e digo: em quanto esta escumalha humana goza afinal pouca popularidade na maioria do povo, há *serviços e misteres indignos* desempenhados por muito maior número de homens, a quem ninguém parece ter que dizer. Refiro-me à massa enorme dos operários que produzem *habitações de qualidade inferior, vestuário de qualidade inferior, mantimentos*

de qualidade inferior e assim por diante, que degradam a vida, deprimem o espírito e arruinam o corpo dos seus próprios companheiros trabalhadores. Quem constroi as pocilgas e—o que é pior—quem as mantém num estado que permite a sua contínua exploração, por meio de aparentes e repetidos concertos? Quem fabrica as mal costuradas roupas e os abomináveis alimentos e bebidas que só os pobres compram? E depois de a tais produtos ter sido dada uma *aparência* exterior brilhante, se é que houve êsse incômodo, quem é enfim, que os impinge ao público, aos pobres, por qualquer meio de persuasão, ou mais simplesmente, com falsos pretextos e mentiras? Tudo isso, embora inspirado certamente pelos únicos interessados nesses processos, os capitalistas, é feito por importantes ramos do trabalho manual, pelas respeitadas e bem organizadas corporações operárias da construção, da indústria têxtil e do comércio. Acho isso repugnante e revoltante e não encontro desculpa para a circunstância de nem sequer se fazer um esforço para reconhecer o facto, e muito menos para lhe pôr termo.

No fundo está o velho fraseado da indiferença: «Não tenho outro remédio; não me dão o trabalho a escolher. Se não o faço eu, outro o fará. O proveito não é para mim, e eu bem gostaria de um serviço útil a valer. *Mas não sou responsável pelo que tenho de fazer: a responsabilidade cabe toda ao patrão que é quem manda*».

A meu ver, em quanto esta escapatória, esta desculpa de mercenário for *reconhecida e geralmente aceita*, as coisas conti-

nuarão como agora e nunca chegará um futuro mais brilhante. Graças a esta maneira de ver, os burgueses poderão sempre assalariar metade dos trabalhadores para reprimir a outra metade. Continuarão, além disso, a manter o grosso do proletariado num estado de degradação física e mental, debilitados, falhos de energia, ignorando até a maior parte das infinitas alegrias da vida, em virtude dos seus ambientes sombrios e deprimentes e da pobreza da alimentação que lhes nutre o corpo e o cérebro. E o trabalho material, prático, para isto é executado pelos próprios operários—que daí tiram sofrimento pessoal como os outros. O assassinato directo, cometido pelos soldados que disparam sobre grevistas, e êste assassinato indirecto consistente em produzir por suas mãos os horríveis abrigos, mantimentos, etc., que vão ferir os próprios companheiros de lucta—são actos igualmente nocivos em seus efeitos, e como tais devem ser reconhecidos, antes de se pensar em qualquer melhora.

E' o que eu chamo a responsabilidade dos trabalhadores quanto ao seu produto. E digo mais: a ausência dêste sentimento de responsabilidade rebaixa êsses mesmos trabalhadores, como as suas vítimas. Ninguém negará que os policias e soldados se degradam e embrutecem com o continuo exercicio da sua professional caça ao homem, da traição e do homicidio à primeira vista. Não hesito em dizer que o mesmo succede aos trabalhadores que exercem artes e officios baseados na fraude. Tome-se, para exemplo, o picheleiro que impinge a

cada passo aos fregueses que concertou canos e esgotos sem nunca o fazer, ou o caixeiro que gasta o dia a empurrar aos compradores, não o que estes necessitam, mas aquilo de que o patrão quer descartar-se primeiro, por lhe dar mais lucro ou por não poder conservar-se por mais tempo. Não posso crer que o carácter dêstes homens — por mais honestos, laboriosos e pessoalmente generosos que a princípio sejam — melhore com o tempo; é mais provável tornar-se insensível e indiferente do que fazer-se franco e entusiasta. Do mesmo modo, os inúmeros produtores de mercadorias inferiores ou mediócras não podem decerto interessar-se pelo seu trabalho. Ora ninguém pode viver sem tal interesse, sob pena de se entorpecerem as suas faculdades, de se amesquinhar a sua inteligência, e de êle se tornar, por fim, incapaz até de compreender as idéias de liberdade e revolta, quanto mais de as pôr em prática! Comparem-se estes homens com os que William Morris pintou no *Revival of Handicraft*,⁽¹⁾ *News from Nowhere*,⁽²⁾ etc., e ficará claro o que eu quero dizer.

Dêste estado de coisas todos são vítimas, como vítimas são sempre de si próprios os autores de actos antissociais. Todos os trabalhadores odeiam os secretas e delatores; a maioria deles detestam os

(1) «Reabilitação do officio manual.»

(2) «Notícias de nenhures», utopia comunista libertária, 1890.

fura-greves; ⁽¹⁾ pois se tal sentimento não se estender a todo *aquelle que se dedique a um trabalho antissocial, trabalho nocivo aos seus semelhantes*, não posso esperar no futuro.

Tal é o segundo ponto preliminar, e eis-me finalmente chegado ao assunto principal, que será tratado com maior brevidade, visto que o fundo já foi esclarecido pelas observações que atrás ficam.

Era-me preciso achar um meio de acção que levasse grandes massas do povo à concepção e aceitação duma verdadeira e séria combinação dos inseparáveis sentimentos de dignidade humana e liberdade e de solidariedade.

Creio que tal meio se pode obter, *se forem convenientemente combinados e utilizados os dois elementos atrás discutidos, a saber: a necessidade de interessar o público (a massa dos trabalhadores) economicamente nas greves, do mesmo modo que os próprios grevistas, — e a necessidade para os trabalhadores de um sentimento de responsabilidade quanto ao seu produto, levando-os a empregar esforços para deixar de prejudicar os seus semelhantes com um trabalho antissocial.*

(1) Ao operário que atraiçoa grevistas, que fura uma greve, chamam os ingleses *blackleg* (birbante; à letra: perna negra), os norte-americanos *scab* (ronha, sarna), os franceses *jaune* (amarelo), os espanhóis *carnero* ou *esquirol* (êste último, apelido dum fura-greves que deixou fama) os italianos *crumiro* (povo bárbaro que vive da pilhagem na fronteira argelino-tunesina), etc.—*N. dos E.*

Tal meio daria um impulso aos sentimentos de respeito de si mesmo e de solidariedade e portanto conduziria grandes massas ao caminho da liberdade, tornando-as acessíveis a uma propaganda mais avançada, pois os ensinamentos da propaganda já não seriam contraditos pela vida delas e nossa no mesmo grau em que hoje o são.

As grandes linhas dêste plano de acção, a meu ver, são para o operariado: recusar executar trabalhos nocivos ao público e, para fortificar a sua posição, expôr a êste abertamente como êle é enganado e defraudado; e para o público: apoiar êsses movimentos, as greves assentes em tais bases, por meio de uma simpatia activa e da boicotagem. Greves assim podem acabar com proveito para os grevistas e para o público, desta vez realmente à custa do capitalista, reduzindo-lhe os lucros. Não podem destruir as raizes do actual sistema, pois nenhuma greve o poderá fazer, salvo se ela for a recusa categórica de trabalhar para outrem, a greve geral, a revolução social; mas podem unir, mais do que estão hoje, as classes trabalhadoras; e as greves perderiam o seu carácter exclusivista e tornar-se-iam acontecimentos de interesse *collectivo*, coisa que elas são hoje apenas pelos sentimentos e convicções pessoais de alguns, não pela sua base económica.

Na prática, estas táticas podem naturalmente assumir formas múltiplas. Antes de tudo, devem penetrar na consciência dos sindicalistas e socialistas; depois disto, não faltarão os esforços práticos.

Se por exemplo as classes organizadas

da *construção* resolvessem que nenhum associado tocara em *pocilgas* — não ajudando a construí-las nem a concertá-las — e expusessem ao mesmo tempo ao público o carácter de irremediável insalubridade de qualquer remendo em tal direcção, a questão do alojamento tomaria aos olhos do povo uma importância bem maior do que a anterior, a despeito de todas as campanhas de imprensa, comícios, comissões, etc., que tivesse havido. Não admira que o povo se tenha conservado indiferente a toda essa agitação, pois vê que de facto tudo continua na mesma; estes, que são por exemplo caixeiros, vêm os seus próprios amigos e vizinhos, operários construtores, perpetuar a miséria das habitações com seus ridículos concertos, em quanto elles lhes retribuem a amabilidade vendendo aos construtores, camponeses, etc., gêneros envenenados para comer ou beber. Uns degolam os outros e o capitalista puxa os cordelinhos. Se a casa é por fim *condenada*, não é pelos moradores, *que não precisam de fazer outra coisa senão abandoná-la*, nem pelos operários que a concertam e que *igualmente outra coisa não necessitam fazer senão deixá-la*, mas pelas autoridades sanitárias, que operam por solidariedade com as classes ricas, protegendo-as contra o contágio dos focos de doença! A iniciativa e o respeito de si mesmo são pouco conhecidos entre as vítimas do actual sistema, e não se deveriam poupar esforços para os criar, sendo um dos meios próprios para tal fim o sentimento de responsabilidade.

Se os sindicatos dos operários construtores londrinos decidissem não pôr as mãos

nas vastas extensões de pardieiros do oriente e sul de Londres, passaria logo para o primeiro plano a questão, não só do alojamento, mas ainda da propriedade terreal. O público responderia com o grito de *Não mais renda!*, e os caixeiros poderiam ajudar retirando-se, recusando continuar a manusear os gêneros abomináveis que hoje vendem. Isto poderia lembrar a alguns habitantes do East End (Extremidade Oriental) a ideia de examinar mais de perto as disposições das casas no West End (Extremidade Ocidental) ou de estudar os aprovisionamentos nas docas. Em todo caso, haveria alguma probabilidade de nos livrarmos das piores fealdades do East End — o que é alguma coisa — e a grande quantidade de obra nova e limpa que os operários da construção teriam para fazer em melhores condições indemniza-los-ia do sacrificio de tal greve.

Que os sindicatos dos operários *têxteis* revelem o fabrico de panos podres e recusem continuar a tecê los. Mesmo as secções menos importantes, cuja occupação consiste em dar a essas mercadorias uma aparência exterior de brilho, maciez e resistência, poderiam fazer alguma coisa para informar disto o público, dando o primeiro impulso ao movimento.

Do mesmo modo, quanto aos trabalhos *químicos*, o infernal alvaiade e outras coisas assim, nos quais é o *próprio trabalho*, não o produto, que arruina a saude, nenhuma comiserção ou piedade, nenhuma legislação parece eficaz. Para fazer desertar esses officios, seria preciso cobrir de vergonha os que neles se deixam assassi-

nar, considerando-os piores do que fura-greves, como realmente são, pois que mantem de pé essas occupaões, e em quanto estas durarem, novas vítimas — às vezes, no comêço, inconscientes do que vão fazer, — veem todos os dias substituir as que caíram antes.

Ou então, não poderiam os *empregados de comércio* ganhar muitas das suas reivindicações imediatas, se a sério resolvessem considerar como *desonroso* mentir ao público como agora fazem para, vendendo muito, manter ou melhorar a sua situação? O público seria naturalmente por elles, boicotando o comerciante obstinado, que seria abandonado com a sua droga inferior e desacreditada. E' realmente difficil que o povo em geral sinta simpatia por esta classe de trabalhadores, tais como são hoje: podemos lamentar o seu longo dia de trabalho e sujeitar-nos com boa cara aos inconvenientes que às vezes nos causa o encerramento das lojas cedo, mas sabemos que a nossa simpatia não impedirá o caixeiro de nos vender por frescos generos velhos, se assim o quiser o patrão.

Em summa, como *consumidores* não podemos ter simpatia pelos instrumentos do capitalista, e como em ambos os casos as grandes massas são de *trabalhadores*, estes ficam divididos e hostis entre si, e só uma acção prática, a *solidariedade mútua* pode vencer tal hostilidade, pois as convicções e os sentimentos são também bons factores, mas não conveem a todos os casos.

Acho que estes exemplos, bem ou mal escolhidos que sejam, esclarecem de certo modo o meu pensamento, que aliás não de-

pende do valor deles. Vejo perfeitamente a dificuldade de romper a marcha nesta direcção e proponho a discussão da questão da responsabilidade como o primeiro passo. Uma vez compreendido e aceito um princípio embora por poucos, apresentam-se indivíduos, sem chamamento, sem preparação, sem organização, para *proceder em conformidade com êles*. Um movimento pode partir da menor oficina, largando os operários a ferramenta e negando-se a fabricar por mais tempo produtos sem valor ou nocivos; ou pode ser inaugurado segundo as formas ortodoxas, por decisões de congressos, etc. A ideia, no fim de contas, é apenas um pequeno passo em frente no caminho da solidariedade: se um homem que contribui para a baixa dos salários, etc., dos seus companheiros é desprezado como traidor por causa do seu acto antissocial *nesta questão*, que êsse desprezo se estenda a *qualquer obra antissocial*; e se os trabalhadores, particularmente, não vêem primeiro êste princípio, que o povo o veja e conforme com êle os seus actos.

Tudo isto pode parecer duro e sem coração, mas só vejo duas alternativas: ou ser puramente *sentimental*, fechar os olhos à razão, ter pena do todos, desculpar tudo e acaba-se então por chorar pelo soldado morto ou ferido ou pelo polícia ás vezes amolgado no desempenho do *seu dever*; ou ser *lógico* — e nesse caso não se pode achar desculpa para qualquer acto antissocial, a não ser a falta de preparação do povo neste ponto, devendo ser por isso o nosso primeiro cuidado tratar de chamar a atenção pública para o assunto. Ignorando

ou negando o princípio de responsabilidade, seguimos simplesmente a via falaz da superficialidade e da cobardia, lançando para cima dos outros as culpas a que nos esquivamos, ou do puro sentimentalismo, em vez de aceitar enfim uma verdade molesta. Digo molesta, pois aparentemente aumenta o esforço que resta fazer para se poder esperar uma transformação real, — mas, como já disse, se o povo continua como é, a mudança nunca virá.

Do que precede resulta claramente que é dupla a minha proposta: despertar o sentimento de responsabilidade e utiliza-lo para o que chamarei greves colectivas no interesse público, como atrás indiquei. Se as últimas forem consideradas impraticáveis, subsistirá sempre a primeira proposta, e outros meios se devem procurar para promover e aproveitar aquele valiosíssimo sentimento. Estou firmemente convencido de ser indigno de um homem o causar a seus semelhantes todo e qualquer dano que o capitalista lhe manda praticar, supondo justificá-lo com esta sombra de desculpa: *Sou apenas um instrumento*. Isto pode bastar aos que aceitam o presente sistema e estão contentes com o papel de instrumentos dos capitalistas e de escravizadores dos seus semelhantes; mas os que, rejeitando o presente sistemas social, cometem no entanto aqueles actos antissociais, são inconscientemente cobardes, que nunca derribarão realmente tal sistema. *Peço homens que se emancipem primeiramente no seu íntimo, depois recusem executar trabalhos que perpetuem a miséria e escravidão dos seus semelhantes e assim criem uma larga corrente*

de simpatia e solidariedade, base adequada de uma acção mais avançada.

Esta acção económica é a que me parece mais ao alcance de um homem que se sente livre e acha a base da sua liberdade na liberdade e bem-estar dos outros. Se não pode recusar de todo trabalhar para o capitalista, pondo assim termo ao sistema actual, procurará de certo modo não trabalhar em detrimento dos seus semelhantes, impulsionado pelo respeito de si mesmo e sem querer saber se a solidariedade deles corresponderá ou não imediatamente à sua. Tal é o método anarquista: fazemos nós próprios o que queremos ver feito.

O velho método político autoritário consiste em lavarmos daí as mãos, proclamando essas coisas como inevitáveis e portanto perpetuando as, e em esperarmos que outros façam por nós o que nós mesmos *não queremos ou não podemos* fazer (expressões bem amiude tomadas uma pela outra!). Não aceitando este princípio basilar em política, devemos rejeita-lo em matéria social na mais vasta proporção e consequentemente acentuar a responsabilidade de cada um relativamente ao que faz.

Apenas acrescentarei que, discutindo-se êste assunto, o termo *moralidade* não deve ser empregado no sentido de ter eu pedido que os trabalhadores se tornem mais *moraes*. Não me servi para o caso desta palavra, que está sujeita a falsas interpretações. O que desejo é que antes de tudo se tornem respeitosos de si próprios, dignos e livres; e então a sua própria consciência lhes dirá que *se neguem a praticar actos antissociais no mais largo sentido,* assim

como recusam ser delatores e fura-greves. Está muito bem dizer: destrua-se primeiro o sistema capitalista e êles depois adquirirão tais qualidades; mas quem é que ha de destruir êsse sistema, pergunto eu, desde que o dogma de Marx—que os capitalistas se devorarão entre si sem deixar um só—já não nos alenta como por tanto tempo fez aos sociais-democratas?

Em conclusão, repito que não desejo diminuir a importância de qualquer método existente de propaganda, mas gostaria de ver discutido o que apresento, especialmente quando anarquistas se encontram com operários sindicados. Uma extensão da acção das uniões de ofício, indo das questões puramente corporativas a esforços pela emancipação de todos, poderia ter uma saída decisiva e ganharia as simpatias de todos os que se sentem livres e desejam que os outros o sejam igualmente.

Também me seria grato que fossem aqui comunicados esforços anteriormente feitos na mesma direcção e que eu omito.

N. dos E.—Depois de escrito este estudo, publicado em inglês em 1900, quando mal se falava de sindicalismo revolucionário, as ideias de Nettlau tem feito algum caminno e recebido algumas applicações, sobretudo no que se refere à responsabilidade do trabalhador quanto ao produto. O público tem sido várias vezes avisado de fraudes e maroteiras patronais. Em Portugal não esqueceu de todo a campanha feita há anos no Porto por um operário padeiro. Entre os exemplos mais notáveis, citaremos o que numa cidade italiana foi dado pelos operários da construção civil, recusando edificar uma prisão.

LEIAM:

1.º opusculo da **Brochura Social**

(a exgotar-se)

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Por Fernando Pelloutier

PREÇO 30 RÉIS

As encomendas superiores a 9 exemplares gozam o desconto de 20 %, devendo ser pagas adiantadamente, sem o que não serão atendidas.

A B. S. não se responsabiliza pela entrega das encomendas a cuja importancia não fôr acrescentado o importe do registo do correio — 50 réis.

A BROCHURA SOCIAL assina-se por séries de 100 réis cada uma, sendo este sistema conveniente sobretudo para as pessoas residentes na provincia.

As respectivas importancias devem ser enviadas em estampilhas dentro de carta ou vale do correio, a Lima da Costa, rua da Barroca, 94, 2.º E.— Lisboa

As assinaturas só serão admitidas por séries completas. O assinante que queira números avulsos ou colecções incompletas, deverá enviar o relativo importe, além do montante da assinatura que tomar.

Leitura que recomendamos:

- L. Fabbri — O SINDICALISMO 20 réis
J. Benedy — PEDRAS TOSCAS 20 »

Edições da *Biblioteca Arquivo Social*, rua dos Prazeres, 39

A SEMENTEIRA Publicação mensal ilustrada — Ano 240: avulso 20 réis. Rua da Barroca, 94, 2.º E.

As publicações da BROCHURA SOCIAL encontram-se á venda em:

LISBOA — Kiosque Elegante e Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosques de Alcantara e do Conde Barão; A Internacional, rua dos Prazeres, 39; Tabacaria Saraiva, em frente da sacristia da igreja de S. Domingos; Livraria Gomes de Carvalho, rua da Prata; Largo da Graça, 99.

PORTO — Rua da Banharla, 150, 2.º; rua do Cativo, 16, 1.º; rua do Loureiro, 142.